

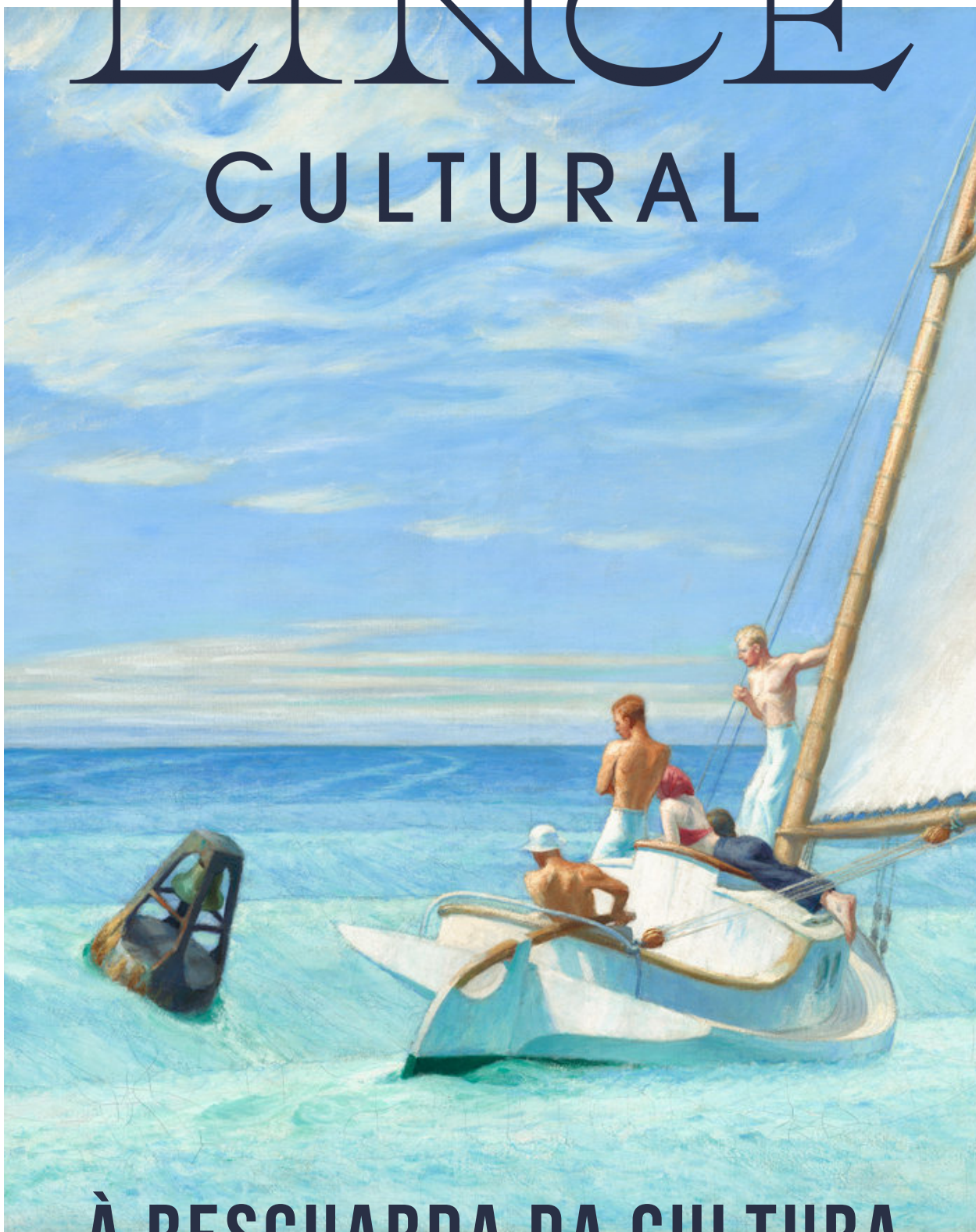
N1 - MARÇO 2021

# LINCE

## CULTURAL

EDITORES / EDITORS: BEATRIZ PINTO, CHISOKA SIMÕES, JOSÉ FERNANDO MARTINS  
DIRETOR / JOURNAL EDITOR: JOSÉ FERNANDO MARTINS

ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES DO CURSO DE ESTUDOS CULTURAIS  
DA UNIVERSIDADE DO MINHO



# À RESGUARDA DA CULTURA

A DESVENDAR OS CANTOS ESCONDIDOS  
DAS CULTURAS EUROPEIAS

# notas dos editores

Tendo surgido da vontade dos alunos de fazerem mais e melhor, e darem a conhecer um curso por muitos desconhecido, surgiu a Associação de Estudantes do Curso de Estudos Culturais, AECECUM.

Fundada oficialmente em 2019. A AECECUM pretende incentivar a cooperação entre alunos, docentes e toda a comunidade escolar para a valorização desta área de estudos e de conhecimento.

A busca pela partilha de ideias manifestou-se na criação da Revista "Lince Cultural". A revista será editada mensalmente e estará disponível na página da internet do núcleo: [nucleoestudoscultu.wixsite.com/aececum](http://nucleoestudoscultu.wixsite.com/aececum)

De um modo particular, resta-nos agradecer ao Miguel Costa, licenciado em Estudos Culturais, um dos impulsionadores desta ideia e colaborador desta publicação. De seguida, a todos os colaboradores desta primeira edição, Ana Catarina Veloso, Miguel Costa, a Professora Joanne Paisana e o Professor Carlos Pazos-Justo. Um agradecimento também à professora Ana Bessa Carvalho que sempre nos ajudou. Uma especial atenção a professora Maria do Carmo Mendes que nos concedeu uma extensa entrevista, a quem fica também o nosso agradecimento.

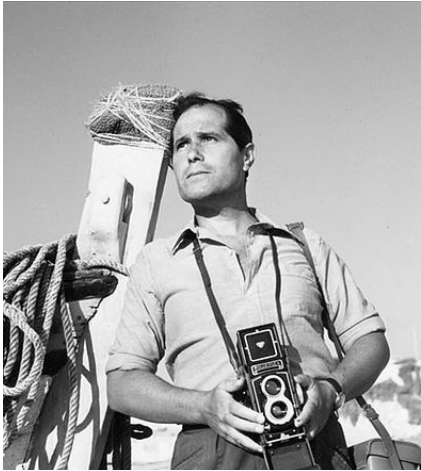
Neste primeiro número, pretende-se desvendar os cantos escondidos das culturas europeias. Os diversos textos levam-nos pelas memórias e pelos tempos passados no Algarve, para nos falar de Artur Pastor; uma figura do panorama fotográfico português. Somos conduzidos a refletir sobre o modo como os eventos históricos e factuais podem ser utilizados num contexto ficcional para moldar a memória cultural e a identidade nacional através de uma reinterpretação de locais de memória culturais na série Outlander. A história de Teruel e a lenda dos Amantes e ainda uma reflexão sobre as culturas, narrativas e dos desafios que ambas enfrentam.

Uma entrevista com a docente Maria do Carmo Mendes, responsável pela lecionação de Literaturas e Culturas de Língua Portuguesa. Esta conversa é uma passagem pelo seu interesse pela literatura comparada, pelas literaturas e culturas africanas. Tal como, a sua experiência nas universidades de Moscovo e Cuba e o motivo que a levou a tornar-se professora.

Na próxima edição, contamos apelar a imaginação da nossa comunidade. A segunda edição da "Lince Cultural" terá como tema o conto. Deixamos aqui o desafio à vossa colaboração!

**Beatriz Pinto**  
**Chisoka Simões**  
**José Fernando Martins**

# CONTEÚDO



## **Sermão de Artur Pastor aos Portugueses , 4**

Miguel Costa

## **Revisiting Sites of Memory: Outlander, 6**

Joanne Paisana, DEINA/CEHUM

## **Amantes de Teruel, 10**

Ana Catarina Veloso

## **Cultura(s), narrativas e alguns desafios, 12**

Carlos Pazos-Justo, Grupo Galabra-UMinho,  
Centro de Estudos Humanísticos



## **Entrevista Professora Doutora Maria do Carmo Mendes, 16**

José Fernando Martins

# CULTURA(S), NARRATIVAS E ALGUNS DESAFIOS

Carlos Pazos-Justo, Grupo Galabra-UMinho, Centro de Estudos Humanísticos

UNESCO defines culture as the set of distinctive spiritual, material, intellectual and emotional features of society or a social group, that encompasses, not only art and literature, but lifestyles, ways of living together, value systems, traditions and beliefs

A UNESCO definia assim num documento de 2009 (*The 2009 UNESCO framework for cultural statistics [FCS]*) o conceito de cultura. Como se pode apreciar, a proposta da UNESCO, marcadamente sensível à diversidade cultural, é bem ampla e provavelmente não consensual. Porque a cultura, enquanto noção, tem sido objeto de múltiplas reflexões e definições, todas elas sempre susceptíveis de reformulação. A cultura, poderia pensar-se, é um conceito em constante negociação na Academia mas também na própria sociedade. O que hoje podemos entender por cultura não é, com certeza, o que se pensava há algumas décadas atrás. E ainda bem.

Ora, da proposta da UNESCO parece-me singularmente importante a orientação que foca o que vai além do material – modos de vida, valores, crenças, etc. –, superando de alguma forma um entendimento da cultura, ainda bastante estendido, alicerçado nas produções artísticas, sejam elas textos literários ou catedrais, por exemplo. Nesta direção, atendendo à, poderíamos dizer, cultura viva ou à cultura do quotidiano, são muitos os desafios e de diversa natureza que, no âmbito das investigações na cultura, podemos enfrentar – se pudermos e quisermos – para o bem das nossas comunidades, em benefício, em última instância, das pessoas. Para tal, considero central ter presente o papel das narrativas que as comunidades produzem e/ou consomem sobre si próprias ou sobre outrem, uma vez que aquelas funcionam como o grande promotor de formas de estar, de pensar e de agir, de cultura em definitivo. Entenda-se aqui narrativas, esquematicamente, como os modelos de pensamento e ação com os quais nos confrontamos no nosso dia-a-dia; são, dito de forma simples mas concisa, o inventário restrito de opções ou normas possíveis – classificam e interpretam a realidade – que regem a nossa forma de estar no mundo. Em Portugal, permita-se-me o exemplo prosaico, no espaço público, podemos beber um café em chávena ao balcão ou sentados, opções possíveis e entendidas no seio da comunidade como normais; beber o mesmo café num copo de plástico enquanto caminhamos, no entanto, não parece que seja (ainda?) uma opção entendida como *normal*.

As narrativas, enquanto discursos que modelam (ou até inventam) as comunidades, podem estar inscritas em múltiplos meios, sendo o sistema educativo (a universidade também, claro) um dos mais potentes. Costumo ilustrar isto com um caso pessoal: antes de entrar na escola, os meus filhos (de mãe e pai não nascidos em Portugal) não se autoidentificavam nacionalmente; ao pouco tempo de frequentar a escola, passei a ter dois filhos portugueses, isto é, rapidamente o sistema educativo incutiu-lhes a ideia de pertença a uma comunidade nacional concreta com um inventário de opções específico (se bem, durante bastante tempo, Portugal foi sinónimo de Braga...).

Nesta linha de pensamento, para a investigação na cultura, designadamente no que diz respeito à planificação cultural, identificar e conhecer as ideias e práticas das comunidades e, ao mesmo tempo, as narrativas que as promovem apresenta-se como um objeto principal; por outras palavras, para intervir na cultura (com o objetivo de promover a coesão social ou ainda dotar a comunidade de hábitos saudáveis ou de um imaginário viável, por exemplo) será preciso analisar as narrativas em jogo e as formas de estar e agir consequentes; o que, em geral, obriga a um olhar transdisciplinar, com participação ativa, portanto, de diferentes saberes.

Atendendo a possíveis necessidades ou problemas que enfrentam as comunidades, os estudos da cultura podem (e devem, em meu entender) trazer respostas fundamentadas para o próprio bem-estar das comunidades. Coloco a seguir o que me parece serem dois desafios culturais (e não só) da nossa realidade mais próxima.

Não sendo um problema, nem de longe, exclusivo de Portugal, tudo para indicar que temos ampla margem de melhoria, enquanto sociedade, na relação com o meio natural. Infelizmente, não temos sabido lidar bem, desde há muito tempo, com a natureza o que – cada vez é mais consensual na Academia – está a pôr em causa a nossa forma de vida. Trata-se de um problema que diz respeito apenas à ecologia ou à economia? Acredito que não. É, talvez fundamentalmente, um problema de, digamos, cultura ambiental, de quais as ideias e crenças que carregamos em relação à natureza e de como nos relacionamos com ela.

Não estaremos, nos âmbitos mais urbanos, a viver de costas para o meio natural? Ilustro com uma tendência recente: sob retóricas ambientalistas ou doutra espécie, está a vingar uma certa moda de construir passadiços (mobilizando importantes recursos) em antigos caminhos rurais de modo a, aparentemente, promover turisticamente alguns territórios.

Pois bem, como hipótese, nas ideias e práticas que se promovem realmente nestas atuações, uma outra relação com a natureza, mais sustentável, não parece ser o resultado principal. E penso concretamente, a modo de exemplo, nas fotografias que partilhamos nas redes sociais em que, surpreendentemente, aparecemos nos tais passadiços no meio de paisagens inquietantes, arrasadas por incêndios e/ou invadidas por flora exótica (eucaliptos, acácias, etc.), potencialmente letais para o equilíbrio dos ecossistemas. Parece que, em geral, a nossa cultura ambiental está condicionada por um interesse apenas extrativo – a natureza enquanto recurso económico – e paisagístico – a natureza enquanto recurso para a contemplação (pano de fundo dos nossos *selfies*) – e pouco mais. Uma boa planificação cultural, entre outras medidas, será inilidível se o nosso objetivo for construirmos uma relação razoável e duradoura (tão necessária!) com o ambiente.

O segundo desafio que coloco prende-se com uma outra tendência que consiste na *festivalização* da cultura. O caso da cidade de Braga, como outras próximas, é exemplar nesta direção. Num processo, poderíamos dizer, de romanização tardia, Braga começou a (re)imaginar-se como uma capital do Império romano através da realização de um festival anual, Braga Romana (com início à volta de 2004). O evento festivo foi e é um grande êxito que rapidamente a cidade parece ter assumido como próprio. E muito bem. Não implicou, no entanto, uma valorização reconhecidamente suficiente do património romano da cidade; basta lembrar o estado em que se encontra um dos maiores tesouros arquitetónicos da Península Ibérica daqueles tempos, o Teatro romano da cidade. Por outro lado, será que este e outros festivais contribuem excessivamente para espetacularização da cidade? ou para uma turistificação acelerada da parte antiga da cidade, palco de todos os eventos? Será que sabemos o que a comunidade pensa ou precisa? A Braga Romana promoveu uma identidade local reconhecível e viável? Junto a outros novos eventos, está a opacar a rica tradição festiva (de natureza religiosa sobretudo) do Concelho?

Sem ânimo de exaustividade, parece que neste caso estamos perante uma planificação cultural com evidentes défices, baseada na construção de uma narrativa de relativo sucesso, por sua vez alicerçada numa festa com uma duração de uma semana e pouco mais. Isso sim, o pão com chouriço está muito bom! Como também poderá estar na Braga Barroca ou nas três noites da Noite Branca... O desafio aqui está em otimizar a planificação cultural (sobretudo se financiada com dinheiros públicos) e promover ideias, imaginários e práticas em benefício de toda a comunidade. Ficam, por fim, estas rápidas reflexões gratas pelo amável convite para participar neste primeiro número da Lince Cultural, para a que desejo longa e próspera uminhota vida!